5/10/04
Diário Carioca 04-10-53
SBH
Pa 158 PIC 58

De Claudio ao cantor Cesareo

Sérgio Buarque de Holanda

ROMA, setembro — (Pela Panair do Brasil).

E' principalmente através da lírica de Cláudio Manuel da Costa que começa a fazer-se sensível no Brasil do setecentos o contágio do arcadismo. A própria volta ao quinhentismo português, como reação contra os excessos do barroco, refletiria, no seu caso, um movimento que tivera seu similar na Itália. E o próprio quinhentismo português não era um dos frutos dessa transformação de gôsto e sensibilidade que tinha suas raízes na Itália de Petrarca?

De modo que, sendo um tradicionalista genuíno, Cláudio não se deixara marcar menos pela leitura de seus contemporâneos europeus — não sòmente portuguêses — e já o célebre verso final de um dos seus mais célebres sonetos —

Nize? Nize? onde está? aonde? aonde?

— parece-me um eco do verso inicial do Endimião, uma das breves ações dramáticas de Metastásio:

Nice, Nice, che fai? Non odi come...

Claramente metastasianas são ainda suas quadras geminadas em hexassílabos de ritmo geralmente trocáico onde o quarto verso termina em aguda e se liga pela assonância ou rima (no Metastásio sempre pela rima) ao correspondente da quadra imediata. A aproximação é válida não apenas com referência à metrificação, a acentuação, o molde estrófico, mas envolve a tonalidade geral e os próprios clichês líricos, cabendo falar, sem hesitação, num propósito voluntàriamente parodístico do brasileiro. Alexandre de Gusmão, que traduziu expressamente a cançoneta **La Libertà**, age no caso com bastante desenvoltura, pois chega a descasar as estrofes geminadas do original que passarão a formar quadras isoladas de estrutura independente. Cláudio, que pretendera apenas imitar Metastásio no poemeto intitulado Desprezo, segue no entanto os passos do modêlo, inclusive nessa particularidade que o tradutor desdenhara.

O influxo do italiano é tangível ainda no voluntário paralelismo dos temas: o amante cansado dos rigores e enganos de sua amada — o "grazie agl'inganni tuoi" — respira, ou então supõe, ou finge respirar, enfim tranquilo, e enaltece sua atual indiferença, fictícia ou real, com uma ênfase que já por si é bastante suspeita:

Vai-te, que já não quer
Que devas ao meu peito
Aquêle doce efeito
Que me deveste já
Contigo, jamais fero
Só trato de quebrar-te,
Também hás de ter parte
No estrago de meu mal.

E assim como no Metastásio essa liberdade prematuramente proclamada é seguida de um pedido de perdão, de um humilde e encantado sujeitar-se à doce prisão de amor em **Palinódia** (placa gli sdegni tuoi/Perdono amata Nice...), o brasileiro também compõe no mesmo espírito (e ainda com o mesmo título, pois sua peça também se chama "Palinódia") sua ditosa retratação:

Contigo partir quero
As mágoas de meu peito;
Quanto diverso efeito
Do que provaste já!
Não cuides que sou fero
Porque já quis quebrar-te
Do meu delírio, em parte,
Desculpa tem meu mal.

A intenção parodística faz-se mais manifesta em Cláudio Manuel — e parece presumir mesmo, nos leitores, o prévio conhecimento das duas peças citadas de Metastásio — através da substituição da musa, da "segunda pessoa" nos poemas geminados. O italiano fala diretamente à sua Nice, ao passo que a Nize de Cláudio Manuel, causa real, embora, da suposta ou simulada libertação seguida de uma volta ao cativeiro, é apenas mencionada como figura ausente. O poeta dirige-se de fato à própria lira que parecendo, no primeiro momento, incapaz de dar alívio aos seus desenganos, se revela, afinal, companheira constante e motivo de alento:

Na mesma paz que tiras
Me dás a melhor paz

O irrequieto jôgo erótico, o dilettantismo amoroso, a brejeirice sentimental do Setecentos galante e chichisbeu não tinham tido tempo de chegar, em estado puro, até às montanhas de Minas Gerais. O advogado poeta de Vila Rica ainda pode conservar uma inquebrantável fidelidade à sua pobre **coita de amor**, e o mal de que padece ou de que procura padecer é sempre, mesmo na hora do desespero, um "saudoso mal". Por outro lado, colocando suas efusões poéticas, sua "lira", constantemente ao serviço dêsse mal nostàlgicamente lembrado e apetecido, mostra como a criação literária não é para êle simples afetação ou divertimento galante e dócil a caprichosas mudanças de ânimo.

Mas a própria seriedade com que encarava sua missão de autor não se casa mal com a imagem fundada ou não que costumamos fazer dêle, imagem de um homem atento aos cânones consagrados que podiam levar sua arte à perfeição, amigo principalmente de seguir modêlos ilustres, a partir de Anacreonte ou de Horácio e, em suma, um tanto livresco nos seus atos e nas suas preferências, não obstante a sinceridade convencional (sincera mesmo no convencionalismo) da expressão lírica. Passando a maior parte da vida em ambiente rústico — e não era, afinal, a paisagem rústica um dos ideais decantados pela Arcádia? — receiou sempre que a própria rudeza dêsse ambiente chegasse a entorpecer-lhe o engenho bem educado. E sonhava com a arcádia irreal fabricada por tantos autores europeus de seu tempo. "Não são estas", escreveu certa vez, "não são estas as venturosas praias da Arcádia, onde o som das águas inspirava a harmonia dos versos. Turva ou feia, a corrente dêstes ribeiros, primeiro que inspire as idéias de um poeta, deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra, que lhe tem pervertido as côres!" Foi para reagir contra êse mundo imperfeito e utilitário, tão avêsso na sua realidade aos ideais estéticos apreendidos ao tempo dos estudo universitários de Coimbra, que passou a escrever versos de um requintado apuro formal sôbre pastores, ovelhinhas e campinas irreais.

Só mesmo aquela espécie de ambiguidade nos sentimentos, tão frequente entre homens do Setecentos, que sabiam aplaudir o heroísmo declamatório sem terem uma alma verdadeiramente heróica, que amavam ternamente a liberdade, como o Catão metastasiano —

Pria della pace e dell'istessa vita
Si cerca libertà

— mas se desmanchavam em genuflexões diante dos poderosos, parece explicar muitas das contradições que ostenta a obra e não menos a vida de Cláudio Manuel da Costa e de alguns dos seus companheiros e fiéis da "escola mineira". —